

# 41ª PRÊMIO ARQUITETAS E ARQUITETOS DO AMANHÃ 2024

**'Entre ruínas (de)coloniais: um museu-praça-mercado'** surge a partir do convívio afetuoso e ao mesmo tempo melancólico com as ruínas da Fazenda São Bernardino - as quais chamo aqui de "*memória*" - na zona rural de Nova Iguaçu, minha cidade natal. Localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade - que teve uma ocupação baseada na exploração dos seus rios para transporte e comércio colonial - sofre já hoje com inundações e é apontada como uma das regiões que mais sofrerá com o aumento do nível do mar em alguns anos. Além de ser morfologicamente mais vulnerável - uma baixada natural - a Baixada Fluminense é uma das regiões mais pobres do estado - o impacto aqui será social.

Tombada como patrimônio pelo IPHAN desde 1951, a Fazenda é o principal ponto de um circuito histórico-ecológico existente ao longo da Estrada Zumbi dos Palmares, onde se localiza. Numa região que atualmente tem como principal fonte de renda o turismo e a agricultura, ela funciona como a união entre um grande espaço público, um marco na paisagem e um símbolo da identidade local, atraindo até hoje - mesmo em ruínas e em meio ao mato que cresce desenfreado - visitantes de toda a cidade.

O projeto se desenvolve em torno desse circuito de 13km que precisa ser reativado, reutilizado e transformado, na intenção de promover a criação de um parque ecológico-cultural em que o "museu-praça-mercado" funciona como o ponto de partida: de onde começarão e serão impulsionadas as revitalizações e, literalmente, de onde se começa o percurso de visitação.

Apresenta-se, assim, uma proposta de revitalização das ruínas da Fazenda partindo de estratégias decoloniais: busca-se a ressignificação dos espaços antes ocupados pela lógica colonial e escravista, de forma a garantir a ativação urbana e a geração de renda, a promoção do acesso à cultura e educação e o incentivo à memória e à identidade local.

O programa escolhido é o do museu-paisagem: uma tipologia de museu onde o espaço construído desenvolve uma relação intrínseca com o entorno e a paisagem.

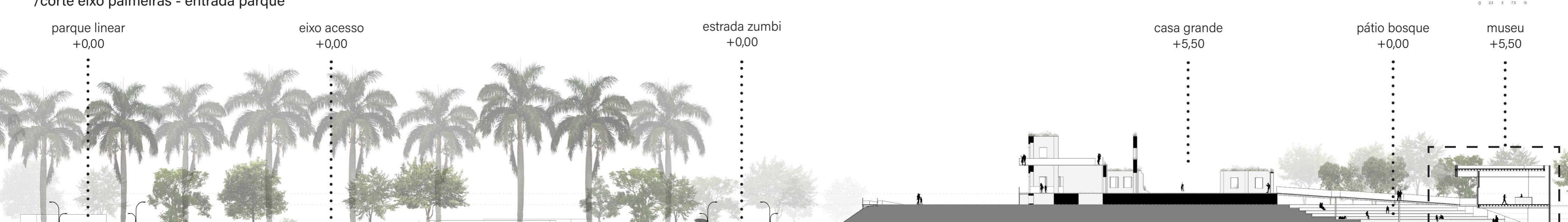
Nesse sentido, é importante entender todo o terreno como parte da exposição, e não só o museu definitivamente construído. As ruínas e o percurso por dentro elas são exposição. A relação entre as ruínas, a paisagem, o museu construído e os percursos é exposição. Os pátios são exposição. O acesso e a continuidade do circuito pela estrada são exposição.

A Fazenda conta a sua própria história e a história da cidade.

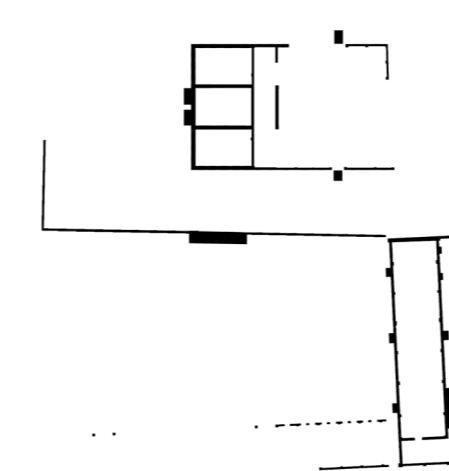
Tendo em vista o lugar, suas características e necessidades, propõe-se um mercado que, junto do museu, crie um sistema de retroalimentação: dá apoio à visitação turística - como restaurante/cafê - e também à produção local - abrigando as cooperativas de produtores locais e abrindo um ponto de comercialização direta ao consumidor, como acontece temporariamente em outros espaços da cidade - a Festa do Aipim, a Feira da Roça e a Feira da Agricultura Familiar. O programa do mercado é estrategicamente deslocado para a antiga senzala, permitindo a ressignificação da ocupação do trabalho: da exploração ao cooperativismo.

Trabalha-se com duas teorias principais sobre o tratamento de ruínas, de forma que haja a inversão entre a hierarquização de alturas no projeto: a *Ruina Verde*, de Camilo Boito e a *Ruina como Evidência*, de Giacomo Boni. Nesse sentido, a Casa Grande - que sempre teve destaque, inclusive estando sobre um platô de 5,50m - tem sua importância reduzida ao permanecer sem cobertura, utilizando da natureza e pátina existentes para sua proteção, como uma *ruína verde*; o Engenho - que ainda resiste em altura - se mantém, e a Senzala - que construída em materiais de menor qualidade, se encontra quase completamente arruinada - se eleva, ganhando importância. Tratam-se assim de *ruínas planejadas*, que funcionam como um documento do passado, com reforço estrutural de forma a preservar o que ainda existe mas reconstruindo sobre para dar-lhes um novo significado, mantendo-as como evidência pelo valor cultural e histórico.

/corte eixo palmeiras - entrada parque



/memória

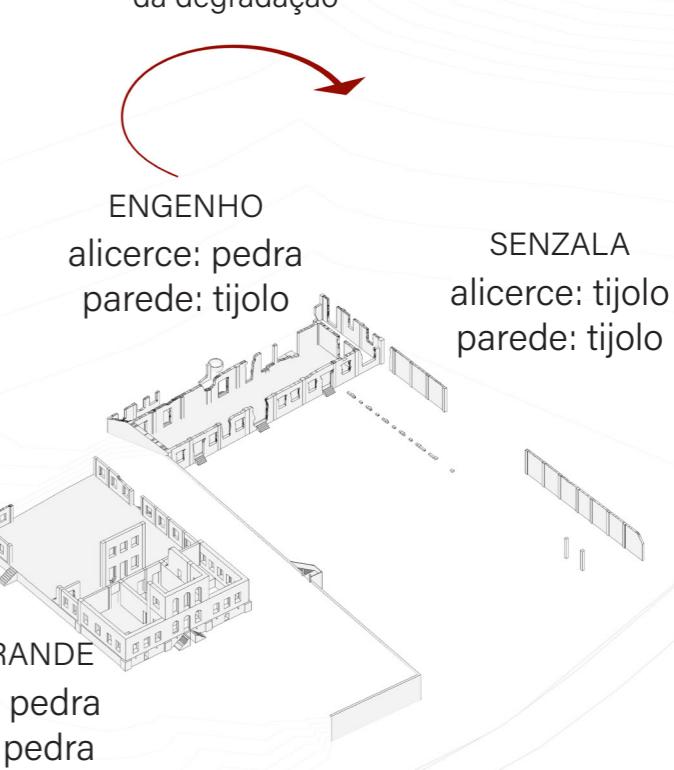


/mapa de degradação

espaços servis construídos em materiais menos resistentes

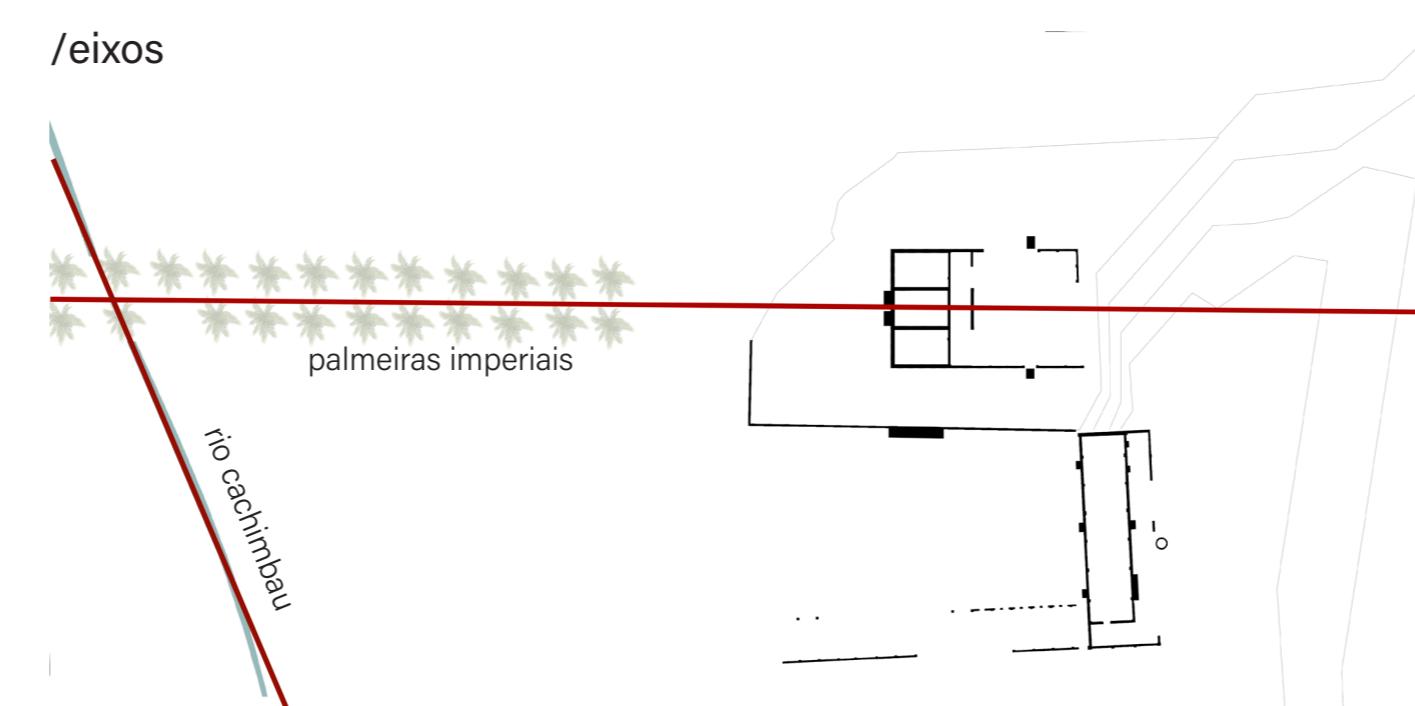
espaços colonizadores construídos em materiais mais resistentes

sentido de aumento da degradação

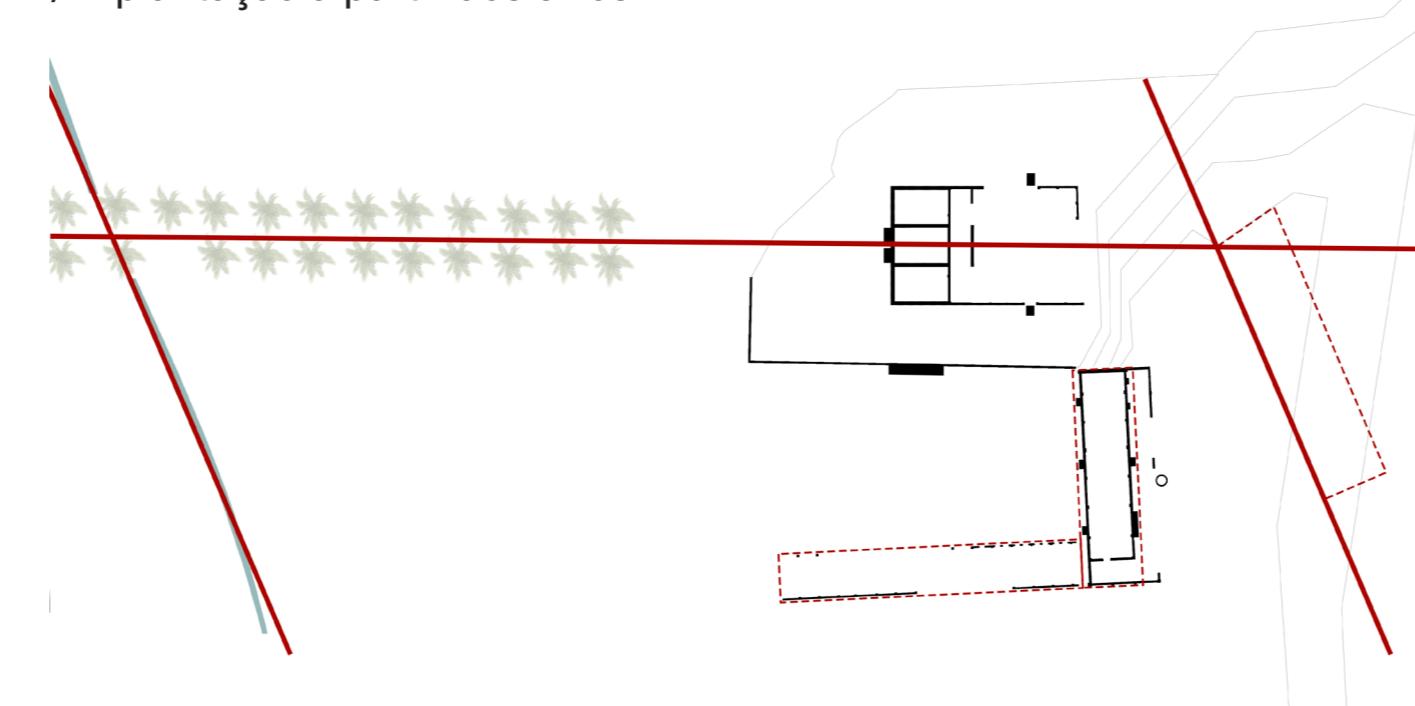


degradação aumenta no sentido da desvalorização histórica e arquitetônica dos espaços

/eixos



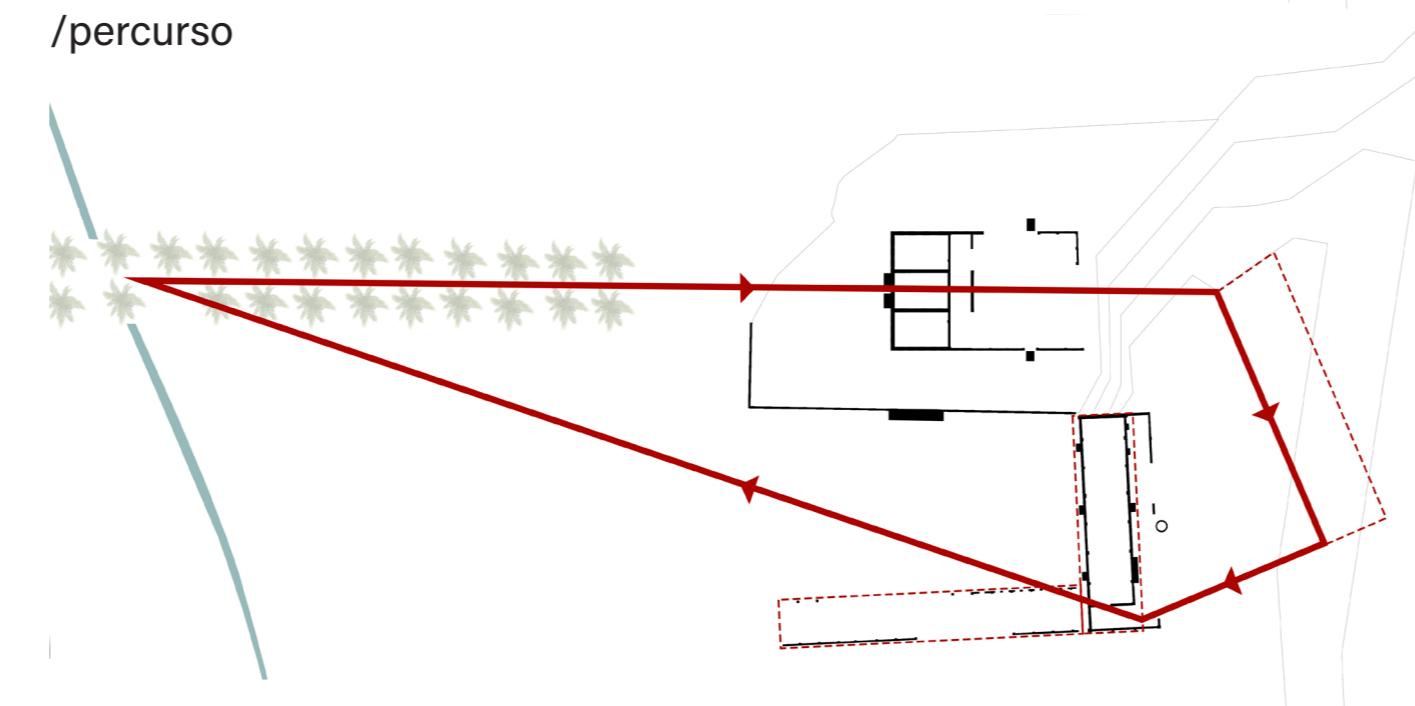
/implantação a partir dos eixos



/hierarquização de alturas

RUÍNA COMO EVIDÊNCIA  
Camilo Boito

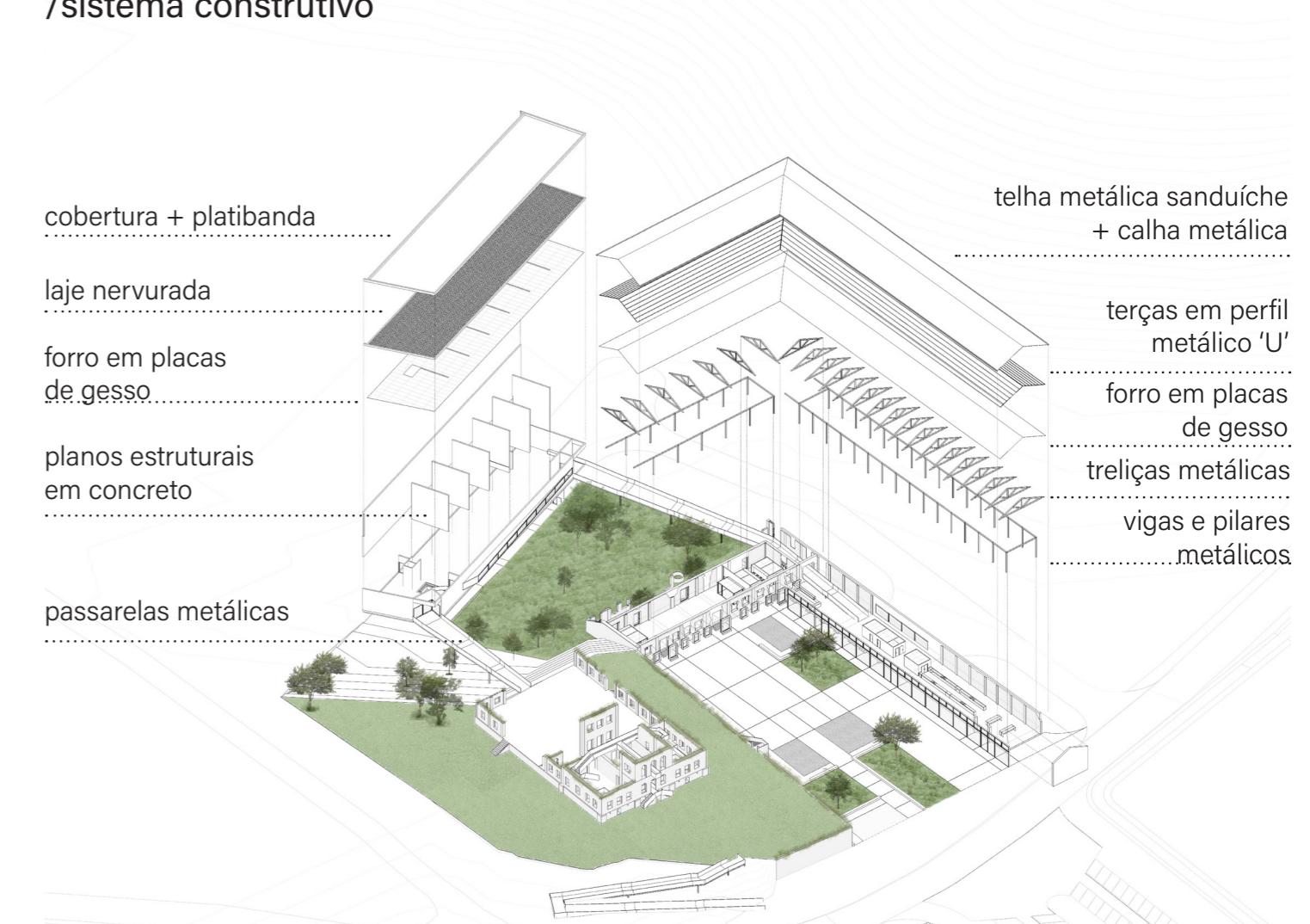
/percurso



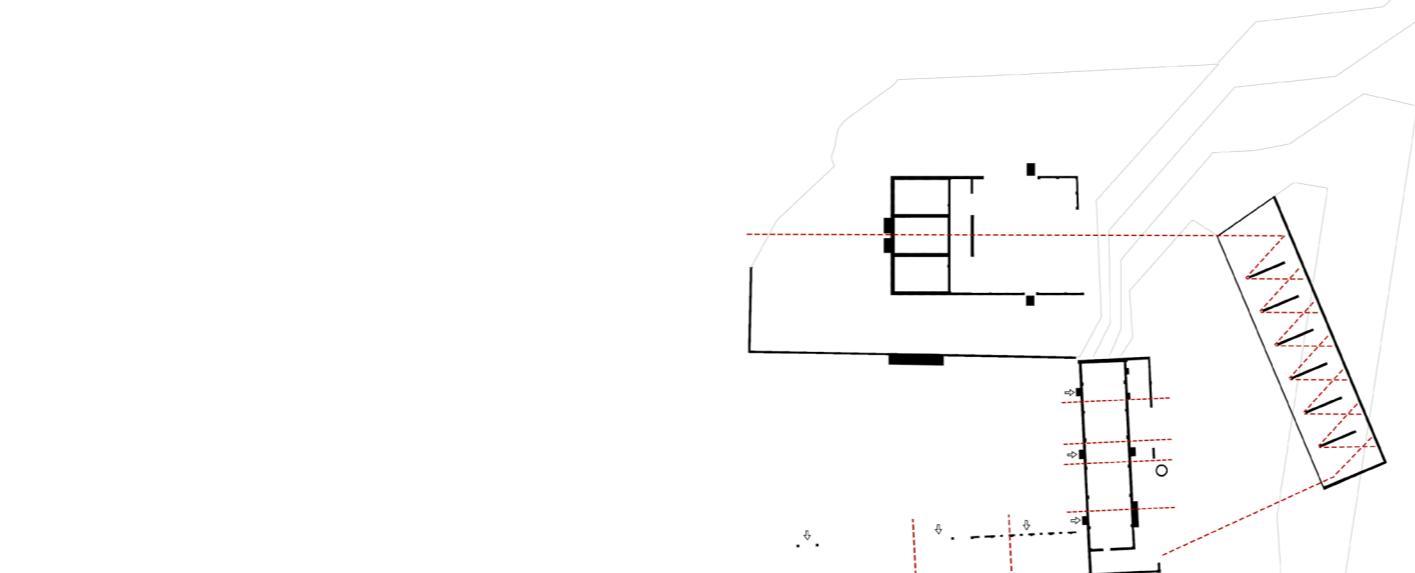
/programa



/sistema construtivo



/alinhamentos internos



/alinhamentos externos

